

DISCUSSÃO SOBRE A ORIGEM DA FAMÍLIA CAMPOS

Marcelo Meira Amaral Bogaciovass

Esta família se estabeleceu em meados do século XVII na então vila de São Paulo, na pessoa do capitão Felipe de Campos, português nascido por volta de 1615 na antiga freguesia de Loreto (1), atual bairro de NS. da Encarnação, cidade de Lisboa, morador que fora daquela freguesia, na rua da Barroca, no Bairro Alto. Sua descendência vem descrita na "Genealogia Paulistana" de Silva Leme (2) e na "Nobiliarquia Paulistana" de Pedro Taques (3), muito embora com origem e filiação contraditórias. Este trabalho tem a intenção de corrigir Silva Leme, e de mostrar que para o estudo das famílias paulistas não se deve supor que a obra de Silva Leme substitui a de Pedro Taques, pois mesmo servindo de base para a publicação gigantesca de Silva Leme, Taques impõe-se com notáveis narrativas históricas e genealógicas, as quais muitas vezes podem ser consideradas fontes primárias, quer pelo desaparecimento dos documentos ali arrolados, quer pela análise racional do historiador presente aos fatos, através de seu testemunho pessoal. O engano de Silva Leme, no tocante à origem dos Campos, deveu-se à aceitação plena da publicação da "Vida do Padre Estanislau de Campos" (4), editada em língua portuguesa em 1889. E para contrariar um mestre como Silva Leme se faz necessária ampla comprovação. É o que se fará a seguir.

O que se quer provar é que Felipe de Campos era filho do flamengo Francisco (e não Felipe) van der Borg (será adotado seu nome sem a preposição **de**, já que **van** tem a mesma função) e de sua mulher, a portuguesa Antonia de Campos (e não del Campo), não sendo, portanto, o apelido **Campos** de origem espanhola.

Deve-se observar em primeiro lugar que a "Vida do Padre Estanislau de Campos" foi escrita no ano de 1765 em Roma, oitenta anos após a morte de Felipe de Campos, não por um sobrinho do dito padre, como asseverou Silva Leme, mas por um jesuíta que quis se manter anônimo. O provável motivo do equívoco se deve ao fato de um sobrinho-neto do padre Estanislau, o padre jesuíta José da Costa Lara (Genealogia Paulistana, IV, 190), ter trazido (5) o original para o Brasil.

Aliás, oitenta anos é tempo mais do que suficiente para que a memória se deteriore e confusões venham a surgir. Segundo a "Vida", Felipe de Campos teve de sua mulher Margarida Bicudo duas filhas e cinco filhos, quando se sabe que teve, pelo menos, quatro filhas e oito filhos. E que seria filho de Felipe de van der Borg e de sua mulher Antonia del Campo, sobre os quais o autor escreveu: "procedem da Espanha e da Bélgica, naquele tempo sujeita ao Rei da Espanha, pelo motivo que agora exporei."

E prossegue: "Felipe de Banderborg, nobre belga, fora pelo seus patrícios mandado duas vezes como embaixador ao Rei: da primeira vez certamente o êxito correspondeu aos seus desejos; da segunda porém baldados foram o trabalho e o cuidado da embaixada, e inúteis foram os rogos junto ao Rei. Assim, envergonhado, não animou-se a voltar para os seus concidadãos, e renunciou à pátria. Dominado pela angústia em consequência de semelhante motivo, e mudando de parecer (como costuma suceder) não demorou-se na Espanha: porque casando-se ali com Antonia del Campo, passou para Portugal.

"Então Felipe de Campos Banderborg, o mais moço dos três filhos aqui gerados, vendo agitadas as cousas pelos sucessos da guerra, e concitado pelo amor da glória humana, alistou-se como soldado voluntário, veio para o Brasil, e do Rio de Janeiro, que é a metrópole do Brasil, trasladou-se para Paulópolis (* São Paulo), que é outra cidade da mesma região."

"Quão santa e piamente vivera Felipe perante Deus, embora nenhum monumento nos reste da sua inteireza e santidade, assaz o demonstra o seu nobre despojo corpóreo, sendo a cabeça admiravelmente conservada, e espargindo de si grato perfume em todos os sábados.

"Conta-se, além disso, que Felipe, depois de morto, aparecera a Bartolomeu de Quadros, sacerdote verdadeiro e probo, e lhe lembrara o pacto, que em vida ambos fizeram acerca da morte, para que aquele que primeiro morresse viesse certificar ao supérstite (* sobrevivente) o dia próximo do óbito. Na verdade a morte de Bartolomeu aconteceu no dia que fora designado pelo predefunto amigo, que assim cumpriu o pacto, e o divulgou."

Já Pedro Taques (3), baseado em documentação ainda hoje existente e analisada para a feitura deste trabalho, afirma que Felipe de Campos seria filho de Francisco van der Borg e de Antonia de Campos. Como prova documental temos seu testamento (6) e o processo de habilitação de "genere et moribus" (7) de seu filho, o padre Felipe de Campos de Abreu. Vamos a eles:

No inventário (6) que se fez por sua morte, Felipe de Campos fez testamento a 01-DEZ-1681 em São Paulo, nele afirmando: "Declaro que sou natural da cidade de Lisboa nascido no bairro Alto na rua da Barroca, freguesia de Loreto; filho legítimo de Francisco de Banderbor e de sua mulher Antonia de Campos ambos já defuntos." E prossegue adiante: "Declaro que por morte de minha mãe Antonia de Campos me ficaram umas casas de dois sobrados na dita rua da Barroca de que mandei procuração a Manoel de Almeida Pernes morador na dita cidade de Lisboa na rua nova defronte de Nossa Senhora de Oliveira, o qual há muitos anos me não escreve nem tem dado correspondência nenhuma, do qual tenho cartas em que me pedia procuração." Esse seu testamento recebeu o "cumpra-se" a 18-DEZ-1681 em Santana de Parnaíba- data que pode ser considerada a de seu óbito, como fez Pedro Taques.

Na habilitação "de genere et moribus" de seu filho em 1671, o suplicante padre Felipe de Campos de Abreu (Por qual lado viria o **Abreu**?) mostrou ter sido batizado a 18-MAR-1647 na matriz de São Paulo, sendo filho de Felipe de Campos e de Margarida

Bicudo; neto paterno de Francisco de **Randerborga** (quantas variantes para o mesmo nome!), natural de Anvers, estado de Flandres e de Antonia de Campos, natural da cidade e corte de Lisboa; neto materno de Manoel Pires e de Maria Bicudo, já defuntos, moradores que foram na vila de São Paulo. E pelos anos de 1671 o capitão Felipe de Campos estaria em plena forma física e mental, desempenhando cargos na vila de São Paulo, sendo irmão da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo e juiz da confraria do Santíssimo Sacramento, não devendo portanto pairar dúvidas sobre os dados apresentados na sua filiação e origem.

Das inquirições contidas na dita habilitação, dois testemunhos são curiosos e merecem ser repetidos. O de Diogo Ferreira (juiz dos órfãos de São Paulo em 1671, então com cerca de 58 anos de idade, natural do bispado de Coimbra), que disse que sabia, por notícias, que o avô paterno do suplicante, Francisco de Bandemburgo, flamengo de nação, casara-se na cidade de Lisboa, e que conhecera um parente da avó paterna do suplicante, muito chegado, morador no Algarve, e um cunhado seu, morador em Lisboa, familiar do Santo Ofício. E o testemunho do alferes Manoel de Lima Pereira (nascido em Lisboa havia cerca de 50 anos), dizendo, nos dizeres da época, que conhecera "ao avô paterno (Francisco van der Borg) em Lisboa ser um homem flamengo e a sua mulher cujos nomes lhe não lembram, porém tidos e havidos geralmente por gente honrada limpos e de limpo sangue sem raça de mouros, judeus, mulatos, nem de outra infecta nação, sem haver rumor nem fama alguma do contrário, e que ele testemunha se criara e fora condiscípulo do pai do suplicante e sempre o conhecera por muito bom cristão e de bom exemplo como hoje é".

Sobre ele escreveu Pedro Taques (3):

"Felipe de Campos era pessoa de nobreza e tendo acabado os estudos de gramática no Colégio de Santo Antão, o mandaram seus pais para a Universidade de Coimbra: tinha feito algumas matrículas, quando por acidentes do tempo e extravagâncias de estudantes fez uma morte, cujo sucesso o fez sair de Coimbra; e porque ainda na corte e casa de seus pais não podia viver seguro, gozando a liberdade de passear público, tomou a resolução de se passar ao Brasil a meter tempo em meio. Veio para a cidade da Bahia (Salvador) onde então o Provincial jesuíta era sujeito de seu conhecimento, e com o mesmo passou a São Paulo atraído já de amizade, que tinha conciliado com o religioso natural de São Paulo, o padre Vicente Rodrigues, que o recomendava a parentes, e muito mais a seus pais, para que o casassem com sua irmã Margarida Bicudo, por ser pessoa de conhecida nobreza e homem estudante e de boa capacidade. Com efeito, chegou a São Paulo Felipe de Campos, onde foi tratado com agasalho urbano dos paulistas da primeira nobreza, e entre eles o capitão Manoel Pires, para quem vinha recomendação da cidade da Bahia do filho o padre Vicente Rodrigues. Agradou-se tanto o capitão Manoel Pires, do dito Felipe de Campos, que veio a tomá-lo por genro. Casou na matriz de São Paulo a 09 de agosto de 1643 (este assento já se achava perdido à época de Silva Leme) com Margarida Bicudo, filha do capitão Manoel Pires e de sua mulher Maria Bicudo, ambos naturais de São Paulo." Continua Taques: "Foi Felipe de Campos cidadão de São Paulo, em

cuja república serviu repetidas vezes os cargos honrosos dela, e muito mais sendo adornado de muita civilidade, cortês política e boa instrução, com lição da história, por cujas prendas se fazia estimado e aplaudido geralmente."

Consultado o Arquivo da Universidade de Coimbra, nada se encontrou acerca de Felipe de Campos, não havendo provas de que estudara em Coimbra. Mas de onde Taques teria colhido essas informações? E a de que Felipe de Campos viera para o Brasil por um crime praticado quando estudante? E que Felipe de Campos viera recomendado para São Paulo pelo seu futuro cunhado, o padre Vicente Rodrigues? Todas essas fontes parecem vir do relacionamento que Pedro Taques tivera com o padre Estanislau de Campos, S.J., seu mestre na adolescência, e portanto sujeitas essas lembranças, também, a possíveis erros. O que existe de concreto hoje, documentalmente falando, é que nada confirma as palavras de Taques, especialmente com relação à vinda de Felipe de Campos diretamente para São Paulo, pois ao folhear certa vez o primeiro livro de casamentos da Sé do Rio de Janeiro, no seu Arquivo da Cúria Metropolitana, deparei com um Felipe de Campos filho de Francisco de Vargas e de Antonia de Campos, naturais de Lisboa, que se casara (8 e 10) a 21-ABR-1641 com Catarina Aparissa, sendo testemunha, dentre outros, o governador Salvador Corrêa de Sá. Sua noiva pouco viveu após o casamento, já que faleceu (9) a 29-JAN-1642 no Rio de Janeiro, sem filhos. Pelas datas e pelas coincidências parecem ser a mesma pessoa. Pelo inventário do nosso Felipe de Campos vê-se que tinha relações com o Rio, o que de fato nada prova; mas, se verificarmos, com alguma boa vontade o nome de seu pai, conforme o assento de casamento, Francisco van der Borg, não é difícil aceitar a mudança de **B** para **V**, onde teríamos **Vorg**, e por extensão e engano, **Vargas**. Então, viúvo e sem filhos, vem para São Paulo, onde se casa a 09-AGO-1643, na Sé. Em seu testamento, Felipe de Campos não cita esse seu possível primeiro casamento, e na verdade não seria obrigado a fazê-lo, visto que não tivera filhos. Mas em seu testamento não afirma entretanto que fora casado uma única vez, e sim apenas: "Declaro que sou casado com Margarida Bicudo"...

Sobre a freguesia onde Felipe de Campos teria nascido, há uma discordância ao se deparar com o processo de habilitação ao Santo Ofício de Domingos Jorge da Silva, em 1711 (11), casado com sua neta Margarida Bicudo, em qual processo consta ser Felipe de Campos natural da freguesia de São Paulo, da cidade de Lisboa. Esta freguesia desde 07-JUN-1913 passou a ser denominada Marquês de Pombal, tendo sido duramente atingida pelo terremoto que acometeu a cidade.

A mulher de Felipe de Campos, Margarida Bicudo, sobreviveu muitos anos ao marido, vindo a falecer em Itu, para onde se transferira de Sant'Ana de Parnaíba com muitos de seus filhos e genros. Fez testamento (12) a 16-ABR-1704 em Itu, rogando para serem seus testamentários ao filho Manoel de Campos (que veio a prestar contas das disposições do testamento), ao genro capitão Antonio Antunes Maciel e ao filho Nuno de Campos Bicudo. Nesse instrumento, Margarida pedia para seu corpo ser sepultado no

convento de São Luís em Itu, do qual era irmã professa. Seu testamento recebeu o "cumpra-se" a 27-FEV-1708 em Itu.

Aqui cabe uma pausa para se entender as relações entre Flandres e Portugal. Elas foram intensas e remontam à própria formação de Portugal, quando D. Afonso Henriques persuadiu cruzados flamengos a aderirem à sua causa. Antérpia, em língua flamenga, ou Anvers, em francês, podia ser considerada no século XVI a capital da Europa, pela importância de seu comércio e pela localização privilegiada de seu porto, fazendo dela o principal centro de criação das artes flamengas. A guerra religiosa (13) que se deu com a Reforma e com a Contra-Reforma, acabou por infligir à cidade de Antuérpia um êxodo de seus habitantes, tanto de católicos, como de protestantes, tendo muitos de seus moradores, artistas e comerciantes, se ausentado para fora do país à procura de melhores oportunidades. O governo espanhol, que então dominava a região, através de seu representante o duque de Alba, instituiu violento regime de terror, provocando a carnificina de 6000 cidadãos e o incêndio de 800 casas durante três dias em 1576; houve depois um cerco à cidade de Antuérpia por espaço de 14 meses pelo duque de Parma, a quem a cidade ofereceu heróica, mas ineficaz resistência.

Concluindo: o capitão Felipe de Campos era natural da cidade de Lisboa, da freguesia de Loreto (ou de São Paulo), filho do flamengo Francisco van der Borg e da portuguesa Antonia de Campos, igualmente natural de Lisboa.

Observação: Este artigo já se encontrava pronto, da forma acima, quando chegaram microfimes dos registros paroquiais de Loreto que eu havia solicitado à Igreja dos Mórmons (14). Acabadas as pesquisas, além do que segue adiante, deve-se ainda acrescentar que antes e durante o ano de 1611, Flandres e Portugal estavam subordinadas à Espanha, o que teria facilitado sobremaneira a entrada do flamengo Francisco van der Borg em Portugal. A época, 1611, é bastante sugestiva, pois vivia-se um período de paz com os espanhóis desde 1609. Consultei então o professor Eddy Stols (15), da Universidade Católica de Louvain, na Bélgica, especialista em relações entre flamengos e portugueses. Da família **van Borg** nada soube dizer, mas sobre a família **Campos**, entende ser possível que esta tenha origem flamenga, e o nome tenha se originado de **van de Velde**, citando como exemplo dois flamengos, homônimos, que se passaram para Portugal aportuguesando seus nomes para Francisco de Campos. Deve se lembrar ainda que houve um outro flamengo, Lucas de Campos (nome aportuguesado), que vivia em Lisboa pelos anos de 1565 em Lisboa (16). São hipóteses que merecem pesquisas maiores em Portugal, mas por enquanto não se pode afirmar a procedência da família Campos, aqui estudada. Até prova em contrário é portuguesa. Mesmo levando em consideração o grande número de estrangeiros na Loreto quinhentista.

Segue então a origem da família Campos em Portugal:

I- Jaques de Campos nasceu por volta de 1555. Casou-se cerca de 1580 com Luiza Thomé, nascida cerca de 1560. Jaques e sua mulher

foram moradores na freguesia de Loreto, onde era artista, ou melhor, imaginário (fazia imagens de santos em madeira), tendo comércio na rua da Barroca (a mesma onde nasceu seu neto Felipe de Campos). Jaques faleceu (17) a 10-MAIO-1621 em Loreto, tendo feito testamento, sendo testamenteira sua mulher Luiza Thomé. Foram pais de (todos batizados na freguesia de Nossa Senhora de Loreto), que se descobriu:

- F1)** Valério, batizado a 18-DEZ-1583 (fls. 21-v do livro 1 de mistos). Padrinhos: André Pires e Maria Fernandes.
- F2)** Antonia, batizada a 08-SET-1585 (fls. 44 do livro 1 de mistos). Padrinhos: Bartolomeu Rodrigues e Ana da Ponte.
- F3)** Bernardo, batizado a 15-FEV-1587 (fls. 65-v do livro 1 de mistos). Padrinhos: Damião de Aguiar e D. Isabel de Vasconcellos.
- F4)** Antonia de Campos, que segue no **II**.
- F5)** Vicência, batizada a 29-JAN-1592 (fls.39-v do livro 1-A de mistos). Padrinhos: Geraldo Herrol, flamengo e Ana Thomé.
- F6)** Ana de Campos, batizada a 24-AGO-1597 (fls. 13 do livro 2 de mistos), sendo padrinhos João Paulo e Ana Thomé. Casou a 24-JAN-1624 (fls. 17 do livro 1 de casamentos) na freguesia de Loreto com Antonio Gomes, filho de Francisco Gonçalves e de Guiomar Gomes. Testemunhas do casamento: Jerônimo Rozer, Valentim de Laron, **Francisco van der Vorga**, Simão de Souza, homem que acompanha e Pedro Gonçalves.
- F7)** Catarina, batizada a 01-NOV-1601 (fls. 30 do livro 4 de mistos). Padrinhos: Sebastião de Brito e Ana Thomé.

II- Antonia de Campos foi batizada (18) a 19-FEV-1589 na freguesia de Nossa Senhora de Loreto, onde se casou (19) a 04-MAIO-1611 com o flamengo Francisco van der Borg, nascido por volta de 1586 em Antuérpia, filho de Jorge van der Borg (20). A partir de 1624 a família não mais aparece nos livros paroquiais de Loreto, dando a impressão de que teriam se mudado da dita freguesia (se foram para a freguesia de São Paulo em Lisboa, os registros paroquiais deste período parecem estar perdidos). Foram pais de:

III- Capitão Felipe de Campos nasceu cerca de 1615 na freguesia de Loreto (os assentos de batizado neste período parecem estar perdidos). É possível que a escolha do nome **Felipe** para o filho do casal luso-flamengo fosse uma homenagem ao monarca de ambos. Veio para o Brasil, sendo o tronco da família Campos de São Paulo.

NOTAS E BIBLIOGRAFIA:

(1) Costa, Américo- Dicionário Corográfico de Portugal Continental e Insular, volume VI, págs. 194 a 198. Porto, Portugal- ano 1938: a igreja do Loreto foi destruída completamente em um lamentável incêndio em 29-MAR-1651, após o que a freguesia da Encarnação passou a se servir da ermida de NS. do Alecrim. A freguesia da Encarnação fora instituída em 1551, pelo cabido da Catedral, estabelecendo-se na igreja do Loreto, dos italianos, por contrato celebrado a 02-JAN-1551.

(2) Silva Leme, Luiz Gonzaga da- Genealogia Paulistana- volume IV, 165, São Paulo, ano 1904- Duprat & Cia.

(3) Paes Leme, Pedro Taques de Almeida- Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica, tomo II, 173- São Paulo, ano 1953- Livraria Martins Editora.

(4) "Vida do Padre Estanislau de Campos da Sociedade de Jesus"- Rio de Janeiro, ano 1889- Laemmert & Cia.- primeira edição em português (a anterior fora em latim) a cargo de T. Alencar Araripe.

(5) Bourroul, Estevam Leão- O doutor Ricardo Gumbleton Daunt- São Paulo- 1900- Tipografia Espindola, Siqueira & Cia.

(6) Inventários e Testamentos- publicação oficial da Divisão do Arquivo do Estado de São Paulo- ano 1921- volume XXI, 227 a 252.

(7) Habilitação "de genere et moribus" em 1671- processo nº 1-1-19 do padre Felipe de Campos de Abreu, no Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo.

(8) Assento de casamento lançado às folhas 125-v do 1º livro de casamentos da Sé do Rio de Janeiro, existente no Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro:

"Felipe de Campos

"Em vinte e um dias do mês (corria o mês de abril de 1641) feitas as três admoestações em as diligências que em direito se requerem às quatro horas da tarde recebi por palavras de presente em casa, com licença, a Felipe de Campos filho de Francisco de Vargas e de Antonia de Campos sua mulher naturais de Lisboa com Catarina Aparissa filha de Manoel Antunes e de Isabel Aparissa sua mulher estando por testemunhas o governador Salvador Corrêa de Sá, Dom Antonio sargento-mor, o capitão Francisco de Souza e outra muita gente.

"Manoel da Nóbrega."

(9) Assento de óbito lançado às folhas 17-v do 3º livro de óbitos da Sé do Rio de Janeiro (1639 a 1653), no Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro:

"Catarina Aparissa

"Em vinte e nove do mês de janeiro (corria o ano de 1642) faleceu Catarina Aparissa mulher de Felipe de Campos fez testamento e nele deixou por seus testamenteiros ao dito seu marido e a seu pai Manoel Antunes. Não falou mais e nos frades do Carmo em cuja igreja se mandou enterrar e no seu hábito e acompanhamento e lhe fizessem um ofício de nove lições os mesmos frades. Declarou que o remanescente de sua terça deixaria a seu marido Felipe de Campos. Declarou que não tinha filhos e o dito seu pai Manoel Antunes era seu herdeiro. Deixou de esmola à Casa da Santa Misericórdia para acompan..... seu corpo dois mil réis e à Nossa Senhora do Bonsucesso dois mil réis."

"Manoel da Nóbrega."

(10) Rheingantz, Carlos G.- Primeiras Famílias do Rio de Janeiro- volume I, págs. 105 e 289- Rio de Janeiro, ano 1965- Livraria Brasileira Editora.

(11) Habilitação ao Santo Ofício, em 1711, de Domingos Jorge da Silva, maço nº 21, documento nº 419, existente no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa, Portugal.

(12) Prestação de contas ao testamento de Margarida Bicudo em 1715- na série de inventários não publicados na Divisão do Arquivo do Estado de São Paulo sob nº de ordem 500.

(13) Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira- Editorial Enciclopédica Ltda., volume II, 889.

(14) Quero aqui agradecer a gentil atenção de Carlos Alberto Domingues, sr. Alvaro Airton Santin e D. María Etelinda Urrutia Mardones.

(15) O professor Eddy Stols informou que deverá vir a lume em fins deste ano de 1991 um artigo de sua autoria: "A nação flamenga em Lisboa", a ser publicado em um livro que terá como co-redator J. Everaert.

(16) Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, volume V, 663.

(17) Assento de óbito lançado às fls. 2 do livro nº 1 de óbitos da freguesia de NS. da Encarnação, concelho e distrito de Lisboa (Arquivo Nacional da Torre do Tombo):

"Aos 10 de maio de 621 faleceu Jaques de Campos marceneiro digo imaginário mercador na rua da Barroca, sua mulher testamenteira-
testamento.

"Antonio de Lisboa".

(18) Assento de batizado lançado às fls. do livro 1-A de mistos da freguesia de Loreto (corria o dia 19 de fevereiro de 1589):

"Antonia.

"Em o mesmo dia batizei Antonia filha de Jaques de Campos e de Luiza Thomé. Foi padrinho Nicolau de Frias e madrinha Ana Thomé."

"Francisco da Costa".

(19) Assento de casamento lançado às fls. 133-v do livro 4 de mistos, da freguesia de Loreto:

"Francisco van de Borga

"Antonia de Campos

"Aos 4 de maio de 611 recebeu o padre André Mateus de meu mandado a Francisco van da Borga natural da cidade de Anvers filho de Jorge van da Borga, com Antonia de Campos natural desta cidade filha de Jaques de Campos e de Luiza Thomé por marido e mulher como manda a Santa Madre Igreja de Roma e por um alvará do doutor Antonio Corrêa. Testemunhas são Paulo Bartolomeu Rodrigues (na dúvida, pois também se lê *São Paulo e Bartolomeu Rodrigues*), Geraldo Henriques, Thomé Luís, Jorge João, João **Rogeran** (na

dúvida), Lucas João, e o padre Domingos Fernandes. Rodrigo Bartolomeu.

"Luís Gomes **Pinto** (na dúvida)".

(20) Seriam da mesma família **Borg (van)**, mencionada no "Armorial Général", de J. B. Rietstap, volume 1? Neste livro o brasão da família Borg (van), de Flandres, vem assim descrito: "*D'or; au chef d'azur, ch. d'un lion du champ.*"

Errata: Felipe de Campos fez testamento a 01-DEZ-1681 em Santana de Parnaíba, não em São Paulo.

BOGACIOVAS, Marcelo Meira Amaral Bogaciovas. *Discussão sobre a origem da família Campos*. In Edição Comemorativa do Cinquentenário do Instituto Genealógico Brasileiro. São Paulo: IMESP, 1991. pp. 603-613.